

## A literatura russa entre “centro” e “periferia”

ANA CAROLINA HUGUENIN PEREIRA\*

“Porque tudo, [...] quase tudo o que em nós existe de desenvolvido, ciência, arte, cidadania, humanismo, tudo vem de lá, daquele país das santas maravilhas! [...] Será possível que algum de nós tenha podido resistir a essa influência, a este apelo, a esta pressão?”

Dostoiévski. *Notas de inverno sobre impressões de verão*.

“Preguiçoso e subdesenvolvido” [povo russo], os senhores repetem. Notem, cavalheiros, que esses nossos elevados professores europeus – nossa luz e nossa esperança – todos esses Mills e Darwins e Strausses por vezes tem uma visão muito estranha das obrigações morais de uma pessoa dos dias de hoje. [...]. Quando se fala de nossos inteligentes e ardentes jovens estudantes, é difícil imaginar que possam não entrar em contato com tais nomes[...]. Pode a juventude russa permanecer indiferente à influência desses líderes do pensamento progressivo europeu e particularmente ao *aspecto russo de seus ensinamentos*? Permitam-me usar essa expressão engraçada [...], porque tal aspecto de fato existe [...]. Consiste nas conclusões retiradas desses ensinamentos que tomam forma de invencíveis axiomas, e que se dão somente na Rússia.”

Dostoiévski. *Diário de um escritor*, 1873.

### I

Foi com profundo senso crítico que F. M. Dostoiévski refletiu a respeito das influências da Europa Ocidental (“nossa luz e nossa esperança” segundo as irônicas observações citadas) sobre a Rússia de seu tempo - questões discutidas, entre grandes polêmicas, pela *intelligenstsia* do país. No contexto do debate, o autor se posicionou através da atuação jornalística - nos periódicos *Tempo*, *Época* e *Diário de um escritor* - e da atividade literária,

---

\* Doutora em História social pela Universidade Federal Fluminense e professora adjunta da FFP/UERJ.

enquanto romancista cuja obra, ainda nos oitocentos, extravasou as fronteiras do Império para ganhar popularidade a oeste.

O autor, com seus conterrâneos “ocidentalistas” e eslavófilos, fez parte de uma elite intelectual influenciada por parâmetros de pensamento europeus: “ciência, arte, cidadania, humanismo”, ou “tudo o que em nós existe de desenvolvido”, em um país “subdesenvolvido” (*niedorazvitkii*) (DOSTOIÉVSKI, 2007: 161), de acordo com o que repetiriam “cavaleiros” empenhados em reconfigurar o país e adequar a educação de “nossos ardentes jovens” a parâmetros ocidentais – uma parcela da intelectualidade, que apresentava de tendências liberais a socialistas, genericamente denominada “ocidentalista”.

“Esses Mills e Darwins”, entre outros autores “líderes do pensamento progressivo europeu”, insinuavam “novas ideias” vinculadas a grandes transformações econômicas, culturais e científicas em curso no ocidente, nos quadros da criação e expansão de uma nova ordem internacional, que repercutia sobre a Rússia e sobre os mais diversos contextos históricos. A necessidade de lidar com “esta influência, este apelo, esta pressão” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.79) resultaria nos “aspectos russos de seus ensinamentos”. Isto é: em reapropriações e reelaborações, resultantes de diálogos tensos e singulares com o contexto nacional. O “prisma russo”, de acordo com a expressão de Joseph Frank (FRANK, 1992), “refratou” as influências estrangeiras, emprestando-lhes novas “luzes” e sombreados, por meio de sínteses específicas. O processo atravessou as tradições do país, se desdobrou em contundentes debates e expressões artísticas, envolvendo, fundamentalmente, a crítica social e literária, e, unidas a ambas, a produção literária.

## II

Segundo Andrzej Walicki, é possível averiguar no pensamento social russo do século XIX “uma fertilização mútua profundamente singular de idéias e influências; a rápida modernização de uma grande nação comprimida em um curto espaço de tempo; a curiosa coexistência dos elementos arcaico e moderno.” (WALICKI, 1979: XIV). A literatura russa, produto exuberante e original de tal “fertilização”, atravessou, nos anos 1880, processo inédito de difusão internacional, popularizando-se nos grandes centros do ocidente europeu. Reelaborando as “santas maravilhas”, no âmbito de seu contexto próprio, o país produziu “maravilhas” literárias de características originais, que inverteram o sentido da troca, a

direção dos ventos que levavam “esses Darwins e esses Mills” em direção à Rússia: de Leste para Oeste “esses Dostoiévskis, Tolstóis e Gógols” conquistaram o mercado editorial do ocidente.

Segundo Bruno Gomide,

“O romance russo era a grande sensação europeia em meados da década de 1880. Na verdade, foi “inventado” para consumo internacional nesse período, quando surgem traduções em escala industrial e livros de críticas que, de forma pioneira, deram o tom [...] do que seria dito depois. As questões e balizas aportadas por essa bibliografia, em especial pelo ensaio *O Romance Russo* [do francês Eugène-Melchior de Vogüé] [...] tornaram-se logo paradigmáticas. A maioria dos críticos, ensaístas e intelectuais recorria a ela para lastrear seus comentários.” (GOMIDE, 2011, p.17.)

Desencadeou-se, assim, um processo no decorrer do qual, aceleradamente, a produção literária de um país considerado atrasado ou “periférico” – a Rússia autocrática, agrária, marcada pelo regime servil – transportou-se das “margens” para ocupar lugar de destaque no “centro”. Ainda segundo Bruno Gomide,

“De [...] ramo secundaríssimo no jardim das musas, a literatura russa passou a ser ingrediente decisivo dos debates artísticos e literários do fim de século. [...] é fenômeno raro [...] quando uma voga da periferia ou da semiperiferia do sistema literário internacional é capaz de se imiscuir na fortaleza decisória do centro, ultrapassar o aspecto epidérmico do modismo exótico e alterar a configuração de um determinado gênero.” (GOMIDE, 2011: 81)

Para tanto, além do contexto histórico marcado pela aliança franco-russa, e da influência intelectual de críticos que se dedicaram à recepção e à reflexão a respeito do tema, contribuíram não apenas a qualidade, mas a originalidade da produção literária. Tal originalidade vai muito além das paisagens e cenários característicos, “exóticos”, mas envolve uma ampla galeria de tipos sociais; a recriação artística de um contexto marcado por diversidade e especificidades culturais e históricas; a força estética, crítica e emocional da melhor literatura russa. Finalmente, de acordo com Gomide, num Ocidente imerso em referenciais positivistas, naturalistas e cientificistas de modo geral, haveria um público “ávido por pitadas de renascimento emocional fissurando o consenso positivista” (GOMIDE, 2011: 81) que autores como Dostoiévski e Tolstói teriam a oferecer. O “renascimento emocional”, no caso dostoiévskiano, é composto por contundentes críticas e reflexões a respeito da

decadência moral e social que os modelos ocidentais ou modernizantes poderiam representar: afinal, “esses Mills e Darwins e Strausses por vezes tem uma visão muito estranha das obrigações morais de uma pessoa dos dias de hoje”; e o romancista, crítico ao ateísmo, ao individualismo econômico e ao utilitarismo europeus, defenderia valores cristãos ortodoxos, supostamente resguardados no povo russo, como um fundamental (romântico e messiânico) contraponto. Ao discutir os efeitos da modernidade em seu país, ou o “aspecto russo de seus ensinamentos”, o egresso da “casa dos mortos” discute também os “ensinamentos” em si, acabando por atingir, na década de sua morte (1881), o grande público internacional. Da “periferia” ao “centro”, fronteiras rígidas entre países ditos “atrasados” e “avançados”, “centrais” e “periféricos”, se tornaram, assim, através da produção literária, mais porosas, adquirindo maior mobilidade, maleabilidade e abrangência. O fluxo das influências e comércio culturais adquire mão dupla, a partir do momento em que o romance russo incorporou e reelaborou, de maneira original, as contribuições do romance europeu, passando, por sua vez, a ser tema de debate e fonte de inspiração a oeste.

### III

Seguindo tendência de considerar “aberrativo” o contexto ambivalente em que se encontravam as sociedades não européias do século XIX e XX, Marshall Berman discorre sobre o mal-estar, provocado na sociedade russa, pelo que o autor denomina “angústia do atraso e do subdesenvolvimento” (BERMAN, 2005: 200)

“O que aconteceu nas áreas fora do Ocidente, onde, apesar das pressões crescentes do mercado mundial em expansão e do desenvolvimento de uma cultura mundial moderna [...] a modernização não estava ocorrendo? Nelas os significados da modernização teriam que ser mais complexos, paradoxais e indefinidos. Essa foi a situação da Rússia por quase todo o século XIX. [...] até o dramático surto industrial da década de 1890 [os russos] experimentavam a modernização como algo que não estava ocorrendo [...] ou ainda, quando ocorresse no país, como algo que acontecia das formas mais irregulares, vacilantes, *flagrantemente destinadas ao fracasso ou estranhamente distorcidas.*” (BERMAN, 2005: 200)

Temos a noção de distorção (e “estranha” distorção), enviesamento ou, se quisermos, para mencionar expressão utilizada por Roberto Schwarz ao analisar a obra machadiana, “desvio em relação ao modelo canônico anglo-francês” (SCHWARZ, 2000<sup>a</sup>: 38) – modelo este tomado como parâmetro unívoco de “avanço”, “fracasso” ou “normalidade”. O “fracasso”, o “atraso”, o “estranho” e a angústia entram na equação como resultados supostamente necessários. É como se, de acordo com certas visões sustentadas por autores como Schwarz e Berman, o “modelo original”, ao entrar em contato com “solos” assim ditos “periféricos” e alterar-se, adquirisse formas não apenas diferenciadas, mas necessariamente “aberrativas”, “condenadas ao fracasso”; como se o “modelo” não fosse apenas reapropriado, mas “rebaixado” pela apropriação, o que tornaria o processo de modernização nas “áreas fora do Ocidente” necessariamente mais agônico. Berman chega a utilizar a expressão “modernidade bizarra e desvirtuada,” (BERMAN, 2005: 207) para referir-se ao processo de (não?) modernização russa, iniciado de forma autoritária, através das reformas implementadas por Pedro o Grande. As “estranhas distorções” seriam, neste contexto, típicas do mundo não europeu – como se ao “centro” as perversões encarnadas no racismo, nas guerras coloniais e mundiais, por exemplo, fossem, de alguma forma, menos “distorcidas”.

As interpretações que têm como referência a oposição entre “centro” e “periferia” tendem a lançar um determinado olhar sobre a chamada literatura “periférica” em geral – e russa em particular - influenciado por parâmetros de comparação entre o “Ocidente avançado” e, basicamente, o restante das regiões do mundo. O ideal moderno “desvirtuado” ou a “modernização bizarra” – este seria objeto da reflexão intelectual e social desenvolvida em países como a Rússia e o Brasil, dando origem a grandes elaborações literárias. “Um dos traços mais notáveis do subdesenvolvimento russo”, por exemplo, ainda de acordo com Marshall Berman, seria a produção “no espaço de apenas duas gerações, de uma das maiores literaturas do mundo”, além de “alguns dos mitos e símbolos mais duradouros da modernidade: o Homem Comum, o Homem Supérfluo, o Subterrâneo, a vanguarda, o Palácio de Cristal e, finalmente, os soviets.” (BERMAN, 2005: 200). Tais símbolos seriam, portanto, diretamente vinculados ao “subdesenvolvimento” nacional.

Partindo de premissas relativas a “idéias fora do lugar”, Schwarz levanta hipóteses referentes à literatura brasileira especificamente, e à literatura russa de forma abrangente, afirmando:

“[Haveria no Brasil] uma gravitação complexa [...] na qual a ideologia hegemônica do Ocidente faz figura derrisória. O que é um modo, também, de indicar o alcance mundial que têm e podem ter as nossas *esquisitices nacionais*. Algo comparável, talvez, ao que se passa na literatura russa. Diante desta, ainda os maiores romances do realismo francês fazem impressões de ingênuos. [...] É que a despeito de sua intenção universal, a psicologia do egoísmo racional [presente nas ideias defendidas por Tchernichévski e amplamente ridicularizada pelo “homem do subsolo” dostoievskiano], assim como a moral formalista, faziam do Império Russo efeito de uma ideologia ‘estrangeira’, e portanto localizada e relativa. De dentro de seu *atraso histórico* o país impunha ao romance burguês um quadro mais complexo.” (SCHWARZ, 2000b: 27)

Schwarz vincula, assim, as literaturas russa e brasileira a processos ambíguos e acelerados da modernização oitocentista, considerando, porém, enquanto “esquisitices nacionais” os contextos ambivalentes em que estavam imersas as sociedades não europeias do século XIX e XX.

Dois países distantes em termos de localização espacial e de contextos históricos, e o que os uniria, basicamente? O que a literatura produzida em ambas as nações poderiam ter em comum? A “esquisitice”. Esta seria a chave fundamental de uma identidade remota.

Schwarz ainda afirma:

“A figura caricata do ocidentalizante, francófilo ou germanófilo, de nome freqüentemente alegórico e ridículo, os ideólogos do progresso, do liberalismo e da razão, eram tudo forma de trazer à cena a modernização que acompanha o Capital. Estes homens esclarecidos mostram-se [...] lunáticos, ladrões, oportunistas, crudelíssimos, vaidosos, parasitas, etc. O sistema de ambigüidades assim ligada ao uso local do ideário burguês – uma das chaves do romance russo – pode ser comparado aquele que escrevemos sobre o Brasil.” (SCHWARZ, 2000b: 27-28).

Nos trechos destacados, tem-se a impressão de que os “lunáticos, ladrões e crudelíssimos” modernizadores são, principalmente, subproduto das “esquisitices nacionais” recriadas pela literatura. Porém, é razoável considerar que o “sistema de ambigüidades ligada ao uso local do ideário burguês” também deu origem a personagens lunáticos e cruéis, retratados de forma nada condescendentes, nas literaturas nacionais da “terra das santas maravilhas” – basta se pensar, por exemplo, nos *Miseráveis* de Victor Hugo ou nos libertinos onipresentes em Sade.

Personagens cruéis, lunáticos e assim por diante, em Dostoievski, Machado de Assis e outros literatos de ambos os países, são, respectivamente, russos e brasileiros, ligados, conforme se expressou Machado de Assis, ao “sentimento íntimo de seu tempo e país” (ASSIS, 1994). Bacamarte e Raskólnikov, Brás Cubas e Ivan Karamázov estão, de forma indissociável, ligados à história e ao “solo” dos países aonde “germinaram”, sem prejuízo de se tratarem, em seus aspectos trágicos e cômicos, elevados ou aviltados, de personagens de alcance (social e emocional) de extensão mais ampla, mundialmente identificável, como demonstra a grande repercussão internacional da literatura russa ainda nos oitocentos.

O circuito que liga e complexifica, lança e retorna, “os líderes do pensamento progressista europeu”, e, por outro lado, o “aspecto russo [ou brasileiro, chinês, etc] de seus ensinamentos”, transpõe fronteiras rígidas entre “centro” e “periferia”. A literatura russa em particular, atravessada pelo “aspecto russo” (ou se preferirmos, pela “refração” de “seus ensinamentos” através do “prisma” nacional) invade o “centro”, em fins do século XIX, com suas próprias versões e debates a respeito das “santas maravilhas”.

Uma vez apropriadas, e cabe citar como exemplo o caso específico da Rússia, dilacerada pelas famosas discussões entre ocidentalistas e eslavófilos, as perspectivas modernas sofriam “mutações” e adquiririam um caráter específico, gerando reflexões e propostas próprias, por meio de “transposições bem russas” (KOYRÉ, 1976: 15).

A literatura é um grande exemplo disto que podemos averiguar, através de Dostoiévski, isto é: se os literatos russos, por exemplo, foram profundamente influenciados pela cultura do ocidente europeu, com a qual o autor tanto se preocupou, eles criaram expressões artísticas próprias, de força e originalidade, discutindo a modernidade e

contribuindo para a criação de propostas alternativas de modernização a partir de seu próprio prisma.

#### BIBLIOGRAFIA

ASSIS, J. Machado de. *Obra Completa*, vol. III, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literárias*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

DOSTOIÉVSKI, F. *O crocodilo e Notas de inverno sobre impressões de verão*. São Paulo: Ed.34, 2000.

-----, *Crime e Castigo*. São Paulo: Ed. 34, 2001.

-----, *Os Demônios*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

-----, *Dniévník pisátelia*. Moskva: ACT, 2007.

FRANK, Joseph. *Pelo prisma russo: ensaios sobre literatura e cultura*. São Paulo: EDUSP, 1992.

-----, *Dostoiévski: Os anos milagrosos (1865-1871)*. São Paulo: EDUSP, 2003.

GLEDSON, Jonh. *Machado de Assis: ficção e história*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GOMIDE, Bruno B. *Da estepe à caatinga. O romance russo no Brasil. (1887-1936)*. São Paulo: Edusp, 2011.

KOYRÉ, A. *La philosophie et le problème national en Russie au début du XIXe. siècle*. Paris: Gallimard, 1976.

PIPES, Richard. *Russia under the old regime*. Penguin Books, 1995.

MAYER, Arno J. *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime (1848-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARZ, Roberto. *Machado de Assis: Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Ed. 34, 2000(a).

----- *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Ed. 34, 2000(b).